A revolução mexicana: cem anos depois

James D. Cockcroft*

Tradução do francês por Celuy Roberta Hundzinski**

Tanto ontem como hoje, o povo do México coloca-se contra o sistema econômico em vigor e suas elites no poder. Para compreender as forças e fraquezas desses movimentos populares e conduzir a uma análise histórica mais aprofundada, é preciso abordar algumas de suas características. Por isso, compararemos os dois períodos 1900-1910 e 2000-2010.

Começaremos por dois traços essenciais da revolução de 1900-1917. Primeiramente e antes de qualquer coisa, ela foi um confronto explosivo entre classes sociais, que opôs os camponeses e os operários aos latifundiários e aos capitalistas. Em seguida, ela foi dominada pelo sentimento nacional; ou seja, por um desafio aos interesses econômicos e políticos dos poderes imperialistas, particularmente aos dos Estados Unidos cujos investidores possuíam de 14 a 20% das terras.

A revolução interrompida

Não importam quais pudessem ser as divisões étnicas e de classe no seio do país, assim que as lutas revolucionárias irromperam, conduzidas por suas bases sociais, todas as frações da burguesia "modernizadora" e da oligarquia "tradicional" concordaram em um ponto: a necessidade de livrar-se dos camponeses e dos operários, e de impedir a qualquer preço as classes inferiores de vencerem. Nesse sentido, não se tratou de uma revolução social, mas somente de uma revolução política a qual teve menos êxito do que foi, geralmente, afirmado. As lutas sociais continuaram com seus altos e baixos até os dias hodiernos.

O Estado capitalista, supostamente "revolucionário", com sua forte presidência, proclamada pela Constituição de 1917, precisou de anos de combates internos e externos para se consolidar. Havia muitos pretendentes ao poder, porém, quase todos os que ganharam eram grandes campeões de uma retórica revolucionária com fins capitalistas. O presidente Lázaro Cárdenas (1934-1940), defendeu, algumas vezes, um profundo nacionalismo, entretanto nunca teve a intenção de romper com o sistema capitalista.

Outros presidentes como Carlos Salinas de Gortari (1988-1994) e seus sucessores foram servidores dóceis do capital estrangeiro – criminosos e ladrões em grande escala – que sacrificaram a dignidade nacional (dignidad, um conceito de grande importância na América latina, que se refere à auto-estima e ao orgulho) no altar de sua própria ganância e dos interesses econômicos e políticos do capitalismo neoliberal e de seu protetor, o formidável visinho do Norte.

Uma nova ditadura?

Nos primeiros decênios do século 21, o México conheceu situações extremamente similares aos do primeiro decênio do século precedente. As analogias são impressionantes: crise econômica, corrupção e divisão das elites, influência onipresente do capital estrangeiro com utilização da dívida externa para chantagear o governo; desafios da Igreja católica; eleições fraudulentas; greves operárias e ataques de guerrilha; novos partidos políticos e ideológicos anticapitalistas; massacres, torturas, prisões e mortes; ondas de migrações internas e ao estrangeiro; combates internacionais pelos direitos dos trabalhadores e das classes intermediárias; batalhas defensivas desesperadas de um movimento operário organizado, numericamente enfraquecido, e miséria de massa acompanhada por um declínio relativo do sentimento de medo entre os pobres, mulheres e homens, mesmo entre as classes médias, diante de uma repressão policial e militar brutal e permanente.

Hoje, o topo desse sistema autoritário não é personificado por uma personalidade como Porfírio Díaz, mas por pequenos grupos que compartilham a presidência, guardando a devoção ao grande capital estrangeiro e nacional. Para se manter no poder, recorrem aos procedimentos eleitorais manipulados e fraudulentos, às campanhas de desinformação promovidas pelas mídias, ao clientelismo, à corrupção e, sobretudo, à crescente e terrível violência do exercito, da polícia, dos paramilitares, dos narcotraficantes, dos políticos e de seus comparsas, que compartilham cada vez mais o poder político entre eles, quaisquer que sejam os conflitos se opõem a eles.

Eles provêm, principalmente, do PRI (Partido revolucionário institucional) e do PAN (Partido de ação nacional), mas também são ex-membros do PRI e do PAN que agora formam a maior parte da liderança do PRD (Partido da revolução democrática). A maioria é venal. Todos aceitam e servem ao sistema neoliberal do capitalismo contemporâneo, bem como à integração econômica dom os Estados Unidos a condições humilhantes, desastrosas para a nação, e que lembram a situação que prevalecia durante o Porfiriato (34 anos do reinado de Porfírio Díaz).

Um vulcão social

O México é uma sociedade militarizada, mundialmente conhecida por sua violência contra as mulheres, jovens, crianças e idosos. Sua economia está em queda livre, com a distribuição de renda mais desigual das Américas depois do Haiti. Durante os últimos 25 anos, o seu salário mínimo foi o menor da América Latina. Quase um terço de sua força de trabalho está desempregado ou empregado nos Estados Unidos, onde residem mais de 41 milhões de mexicanos e seus descendentes. Cerca de 12 milhões deles estão ilegais e sobrevivem em condições extremamente assustadoras.

Tanto hoje como ontem, sujeitos a tais pressões, não é surpreendente que o vulcão social ameace explodir. Em

1910, a economia mexicana ainda não tinha se recuperado do impacto da recessão ocorrida três anos antes. Entre os camponeses, índios e mulheres, o rancor se elevava contra os maus tratos que eles suportaram, e contra a espoliação de seus direitos à terra e às comunais. O proletariado urbano estava cada vez mais preocupado com seus salários e suas míseras condições de trabalho, com uma taxa crescente de desemprego e subemprego, em um ambiente cada vez mais marcado pela violência, pelo militarismo e pelo paramilitarismo, tudo isso sob a ameaça de intervenção dos Estados Unidos. Em ambos os lados da fronteira, os mexicanos se rebelavam colericamente. Não é a situação atual?

De fato, nos últimos anos, os mexicanos se rebelaram cada vez mais contra sua desesperadora situação econômica, bem como contra a repressão do estado; protestaram contra a permanência de soldados, paramilitares e policiais em suas cidades e em seus bairros. Organizaram-se em diferentes regiões com um grau de autodisciplina e *dignidad* impressionante. Citaremos a revolta de maio de 2006 dos habitantes de San Salvador Atenco, nos arredores de Cidade do México, que bloqueou a construção de um aeroporto internacional; no mesmo ano, a revolta não violenta do povo de Oaxaca, em Estado, deu origem à "comuna auto-gerida", que eletrizou o mundo; a, também, exaltante criação de municipalidades autônomas pelos neo-zapatistas em Chiapas, que sobreviveu ao cerco militar. Desta vez, mais que nos tempos da luta armada dos magonistas (veja abaixo) e dos zapatistas, as mulheres participaram em grande número dessas mobilizações assumindo posições de liderança.

Os povos do México participaram das massivas manifestações de rua. Em 2001, os povos indígenas convergiram a pé e de ônibus, trilhas de suas aldeias distantes às grandes artérias do México, onde animaram a "Marcha da cor da terra". Em 04 de dezembro de 2009, para comemorar o 95º aniversário da entrada de Francisco "Pancho" Villa e de Emiliano Zapata, no México, sindicalistas independentes, professores e estudantes organizaram pacificamente a "tomada do México". E quem pode esquecer a forma como a população do Grande México fez perdurar durante três meses uma "assembléia popular e uma vigília" nas principais ruas do centro para protestar contra o *golpe de Estado* de 2006, que privou Lopez Obrador da sua vitória popular?

Ricardo Flores Magón e o magonismo

Hoje, um número crescente de mexicanos invoca o artigo 39 da Constituição de 1917, que confere ao povo a soberania nacional, bem como o *"direito inalienável de alterar ou modificar a forma de seu governo"*. Numerosas vozes entre os movimentos populares de resistência, incluindo a de López Obrador clamam a fundação de uma nova república, com plena soberania nacional. Eis o que os revolucionários queriam há um século, e o que eles realizaram no papel, até mesmo em campo, apesar de suas diferenças e suas derrotas.

Ricardo Flores Magón e seus dois irmãos Jesús e Enrique cresceram ao lado dos índios em Oaxaca. Seus pais haviam mantido costumes comunitários tradicionais. Assim, os irmãos Flores Magón, exceto Jesús, que conseguiu terminar a faculdade de direito, nunca tiveram dinheiro suficiente para concluírem uma educação formal, assim acabaram aceitando pequenos serviços e tornando-se revolucionários. Ricardo, à

distância, domina os outros dois como um líder, teórico e pratico. Todos os três desenvolveram suas idéias anarquistas e socialistas, antes da fundação do Partido Liberal Mexicano (PLM).

Em 1905-1906, o PLM afirma ser uma ideologia revolucionária oposta ao imperialismo e favorável aos trabalhadores, camponeses e elementos progressistas da burguesia e das classes intermediárias. Milhares de mexicanos juntam-se por esta causa. Em 01 de julho de 1906, ele imprime meio milhão de cópias do seu programa, no qual sublinha a importância dos povos indígenas e a necessidade de uma reforma agrária radical. Em seu famoso ensaio, *Aos proletários*, R. F. Magon declara: os ricos *"desfrutam a liberdade econômica e é por isso que eles são os únicos a beneficiar da liberdade política (...) o Programa mostra as medidas que o proletariado mexicano deve toma para conquistar sua independência econômica"*.

R. F. Magón e a emancipação das mulheres

Se o homem é reduzido à escravidão, você também o é. As cadeias não fazem diferença de gênero (...) O horizonte do destino das mulheres perde-se na escuridão da fadiga e da fome (...). [Seu] salário é tão insignificante, que ela deve freqüentemente recorrer à prostituição para criar os filhos, quando não consegue encontrar um homem que a conduza às núpcias no mercado de casamentos, outra forma de prostituição punível por lei (...) Neste século, a condição da mulher varia de acordo com sua posição social, mesmo que a tradição e a lei continuem a considerá-las subordinadas ao homem. Uma eterna menor (...) ela não pode votar e não podem ser eleitas, e para serem autorizadas a assinar contratos civis, devem possuir bens materiais. "Para as mulheres," *Regeneración*, 24 de setembro de 1910.

Entre os imigrantes

Os magonistas concentram suas atividades entre os trabalhadores, camponeses e pobres, não somente no México, mas também nos Estados Unidos, onde eles mesmos devem cuidar de suas necessidades enquanto trabalhadores mal remunerados. Eles mantêm milhares de mineiros e camponeses do México e outras nações, especialmente no Arizona. Em Los Angeles, como em outras partes do sudoeste e oeste, o termo *huelga* (greve) é entregue antes de seu equivalente em inglês *strike*.

Os membros do PLM desempenham um papel importante nas lutas da Federação de Mineiros Ocidental *(Western Federação de Mineiros)* e da Internacional dos Trabalhadores do Mundo (IWW - *International Workers of the World*). Quando o IWW estava no auge de sua força, mais da metade de suas cotizações sindicais provinham de trabalhadores imigrantes mexicanos. A maior parte das vítimas do famoso massacre de Ludlow, nas minas de John D. Rockefeller no Colorado (1914), eram mexicanos, sendo a maioria mulheres e crianças.

Na verdade, temos muito a aprender sobre com os magonistas sobre a organização dos imigrantes, dos desempregados, dos pobres e das camadas sobre exploradas, e sua unificação com todos os grupos oprimidos e movimentos sociais de escala internacional para começar uma revolução anticapitalista. Os ideais anarquistas e socialistas de PLM - que se separaram em 1908, em parte devido a conflitos ideológicos - influenciam fortemente as lutas operárias e os combates políticos de ambos os lados da

fronteira entre o México e os Estados Unidos. A memória histórica está muito viva em todo o México e, durante a greve de três anos, os 1200 mineiros Cananea recordaram o confronto de 1906 com imenso orgulho. Graças aos livros e à história oral, suas famílias sabem tudo sobre a greve organizada pela PLM naquele ano, quando 275 voluntários americanos armados, comandados pelos seis guardas do Arizona, ocuparam temporariamente a cidade, até a chegada dos Rurais. Foi preciso 2.000 soldados mexicanos para acabar com a greve. De 30 a 100 mineiros, bem como seis norte-americanos, foram mortos nos combates que resultaram, também, num grande número de feridos.

Tierra y libertad!

Em 1906, nas páginas do jornal do PLM, *Regeneración*, R. F. Magón define a luta revolucionária como um conflito entre o capital *("do trabalho acumulado")* e o trabalho.

> "Trabalhadores, lembrem-se, escreve ele, que são os únicos produtores de riquezas (...) quanto mais vocês produzem, mais são pobres e menos livres, pela simples razão de que vocês fazem seus patrões mais ricos e livres, uma vez que a liberdade política só beneficia os ricos. (...) A burguesia se aproveita de seu trabalho, sua saúde e seu destino, nas fábricas, nos campos, nas oficinas e na mina." A única solução, conclui ele, é tomar "as mãos fora a riqueza que têm roubado" e expropriar "esta riqueza para proveito de todos, como uma condição sem a qual a emancipação humana não pode ser alcançada."

Isso é o que fizeram os magonistas, quando assumiram o controle de Tijuana e Mexicali, e organizaram "A comuna da Baixa-Califórnia" em 1911. Assim, os zapatistas organizaram mais tarde "A Comuna de Morelos", com o lançamento do slogan *"Tierra y libertad"*, sugerido a Emiliano Zapata por José Guerra, um emissário magonista. Depois de sua ruptura com Madero, Zapata convida os magonistas a se juntarem a ele, desta forma, muitos deles ganham o Morelos. Em seus jornais e proclamações, os magonistas se opõem ao grande capital, a toda forma de autoritarismo (não apenas ao Estado) e à Igreja católica. Um manifesto do PLM, em 23 de setembro de 1911, resumiu sua posição:

> "O Partido Liberal do México hasteou a bandeira vermelha no terreno de ação contra o capital, a autoridade e a Igreja no México (...) Tudo o que será produzido será enviado para o armazém geral da comunidade, onde cada um se servirá de acordo com suas necessidades (...) A escolha é simples: seja um novo governo, diga-se uma nova junta, ou seja a expropriação salvadora da propriedade privada e a abolição de todas as formas de imposição, quer seja religiosa, política ou outra qualquer. TERRA E LIBERDADE!".

Raízes históricas do neo-zapatismo

A voz dos magonistas difundiu-se imensamente pelos neo-zapatistas, cuja insurreição armada em primeiro de Janeiro de 1994 no Chiapas foi o eco

das rebeliões de quase um século atrás. Seu slogan continuou a ser "Terra e Liberdade"; suas declarações retomam, freqüentemente, as palavras de Ricardo Flores Magón; defendem os povos indígenas que constituem sua base social com os camponeses. Entre eles, as mulheres muitas vezes atuam como líderes, porta-vozes e oficiais militares. Sua rejeição do processo eleitoral também se refere ao magonismo, bem como sua postura anticapitalista e internacionalista. Desde os primeiros dias da insurreição, eles queriam ajudar a pôr fim à "bolsa do planeta" pelas forças do capitalismo neoliberal, contribuindo para lançar, ou mesmo sediar, muitos encontros do novo movimento altermundialista internacional.

Dito isso, eles não usam os termos "socialismo" ou "anarquismo", mesmo que alguns de seus ativistas clamem *"um novo estado socialista que expropriou os capitalistas"*. Além disso, ao longo dos últimos quinze anos, eles rejeitaram a luta armada de uma maneira quase "pacifista", o que os magonistas nunca fizeram. Como seus comandantes o declararam durante as negociações de paz fracassadas em 1994: "A guerra não é uma questão de armas, (...) mas de política (...) somente a boca de um canhão não pode conquistar a liberdade (...) outras bocas devem se abrir e gritar para que trema o poderoso[1].

Hoje, parece que mudanças sutis aparecem nas posições dos zapatistas. Por exemplo, durante a primeira "greve política nacional" (parada civil ou paralisação de trabalho), de 16 de Março de 2010, convocada pela União Mexicano de Eletricistas (SME – *Syndicat mexicain des électriciens*) e seus aliados da Assembléia Popular Nacional de Resistência, eles participaram de atividades de protesto locais com eletricistas, mineiros de Cananea e outros movimentos sociais. Embora a parada civil tenha sido limitada a determinadas regiões do país e reprimida, a presença dos zapatistas foi um sinal de progresso rumo à unidade.

De fato, todos os movimentos populares de hoje falam de R. F. Magón. É o caso da ampla coalizão de sindicatos de trabalhadores, das ONGs progressistas e de membros dos partidos políticos que preparam o "Congresso social para uma nova Assembléia Constituinte (reunião preparatória)", em Querétaro, em 5 e 6 de fevereiro de 2010. Sua "Declaração Política ao povo do México" foi:

> "As ações e iniciativas do novo levante (...) tentam se reconectar com o melhor da nossa história (...) [com] os ideais que deram origem à Revolução (...) para pôr fim ao pesadelo neoliberal que corrompe o país e se livrar de uma vez por todas do regime autoritário das máfias que nos governam para pior"

Na ocasião deste evento, a União Mexicana de Eletricistas (SME) declarou:

> "Os objetivos de justiça social expressos na plataforma do Partido liberal de Ricardo Flores Magón e no Plano de Ayala de Emiliano Zapata (...) foram esquecidos. O Pacto social de 1917 que deu à luz a nossa Constituição política esta praticamente em frangalhos e agora sofremos com um modelo econômico e um regime político que perpetuam os aspectos mais cruéis e vergonhosos do Porfiriato

[1] Sub-comandante Marcos, *Shadows of Tender Fury : The Letters and Comuniqués of Subcomandante Marcos and the Zapatista Army of National Liberation*, New York, Monthly Review Press, 1995, cité dans Cockcroft, *Mexico's Hope*…, p. 307. Tradução nossa.

> (...) o resto de nós, os trabalhadores, estamos vivendo cada vez mais como no final do século 19".

Um internacionalismo exemplar

Desde os primeiros dias dos clubes liberais, em 1900-1901, os magonistas defendiam dignamente os interesses da nação. Eles não cessavam de protestar contra o intervencionismo dos EUA, que condenavam a cada oportunidade, de 1906 a 1920. Em junho de 1906, a greve de Cananea visava o racismo dos proprietários do gigante de cobre EUA Anaconda. Os trabalhadores reivindicavam a jornada de oito horas, salário mínimo, eliminação de práticas discriminatórias de contratação e promoção de mexicanos em determinadas posições ocupadas pelo pessoal dos EUA. No entanto, um século depois, é ainda o imperialismo que determina o contexto dos acontecimentos no México, como no resto da América Latina Indo Africana[2] do século 21.

O internacionalismo dos magonistas é exemplar. Eles foram os primeiros na história da humanidade a expressar a necessidade de uma revolução mundial e a começar a lutar por ela em suas batalhas no México e nos Estados Unidos. Na tradição do padre Miguel Hidalgo y Costilla, de Simón Bolívar e José Martí, o artigo 49 do programa de PLM pede *"o estabelecimento de laços de unidade com os países latino-americanos"*. Os magonistas ainda pensam além do México, porque lutam pela emancipação humana.

Hoje, quando os imigrantes se mobilizam para denunciar seu tratamento cruel e injusto nos Estados Unidos, como fizeram em 21 de março e 01 maio de 2010, eles recebem o apoio público de muitos outros trabalhadores e simpatizantes em ambos os países. Uma grande solidariedade emergiu, também, com os milhões de imigrantes mexicanos e latinos que foram às ruas de 150 cidades no dia 1 de Maio de 2006 "O grande boicote americano: Um dia sem imigrantes", que foi a maior manifestação dos Trabalhadores na história dos Estados Unidos.

As greves e as ocupações das empresas merecem um apoio internacional. Em dezembro de 2008, mais de 250 membros do sindicato dos eletricistas em Chicago (United Electrical Workers - UE) ocuparam a fábrica Republic Windows and Doors, obtendo a satisfação de suas reivindicações. A maioria de suas mulheres e desses homens eram imigrantes mexicanos, incluindo o seu principal porta-voz. Eles inspiraram os trabalhadores e imigrantes de vários países.

O primeiro triunfo do novo internacionalismo no mundo do trabalho aconteceu em El Salto, no México. 700 trabalhadores da fábrica de alta tecnologia dos pneus Hulera Euzkadi S.A. de C.V., com o apoio de sindicalistas e ativistas de outros países, ganharam uma greve de três anos contra uma das maiores e das mais ricas empresas transnacionais do mundo, a Continental Tire (Pneus), com sede na Alemanha. Agora, os trabalhadores são co-proprietários de sua fábrica, em conjunto com empresas privadas.

[2] Prefiro este conceito ao da América latina, porque ele não torna invisíveis as populações indígenas e africanas, mas não o utilizo comumente porque, como o observou uma vez Carolos Montemayor, falecido em 2010: *"No sentido estrito, não houve índios na América. Houve e há povos que têm seus próprios nomes"* (*La Jornada*, 12 de março de 2006). Os povos africanos tinham e têm ainda seus próprios nomes, bem como os outros povos da Ásia, Europa e Oriente Médio que vivem na América latina. Tradução nossa.

Na primeira década deste novo século, havia mais mobilizações de massas do que antes em defesa dos direitos dos trabalhadores e dos direitos humanos, bem como de uma verdadeira democracia. E em certos lugares do México, a "Autoridade" foi contestada como nunca antes por muitos anos. Ao mesmo tempo, a repressão é mais forte, e hoje como ontem, o governo dos EUA se mete em tudo.

Neste ano do Centenário, todas as forças, ou quase, que pedem uma mudança de sistema político e econômico reexaminam o pensamento magonista, bem como as vitórias e derrotas que os revolucionários inspirados por diferentes ideologias e práticas experimentaram por uma centena de anos. Várias celebrações independentes foram realizadas, tão inteligentes quanto úteis, contrariamente às da "classe política", que são caracterizadas por seu oportunismo e mentiras. Evidentemente, temos de reconhecer que os cartéis da droga e o nível de globalização capitalista diferenciam a situação atual da do Porfiriato, mas apresentam, igualmente, muitas semelhanças.

---

[*] **JAMES D. COCKCROFT** é pesquisador, professor e militante revolucionário de origem canadense, autor de 34 livros, especialista da América latina e particularmente do México. Mexico's Revolution, Then and Now, New York, Monthly Review Press, a ser editado em outubro de 2010.

[**] Tradução para o francês do primeiro capitulo do livro *Mexico's Revolution, Then and Now,* New York, Monthly Review Press, a ser editado em outubro de 2010. **Fonte**: http://www.europe-solidaire.org/spip.php?page=article_impr&id_article=18633